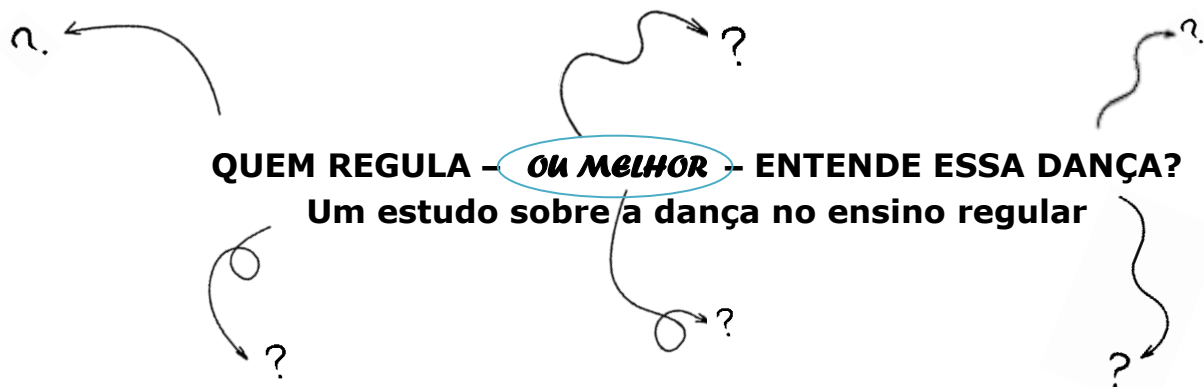


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ALÉXIA CHAVES DE SOUZA



PORTO ALEGRE

2017

ALÉXIA CHAVES DE SOUZA

**QUEM REGULA – OU MELHOR – ENTENDE ESSA DANÇA?
Um estudo sobre a dança no ensino regular**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Dança da Escola de
Educação Física, Fisioterapia e
Dança da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito
parcial à obtenção do Grau de
Licenciado em Dança

Orientador: Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann

PORTO ALEGRE

2017

Aléxia Chaves de Souza

QUEM REGULA – OU MELHOR – ENTENDE ESSA DANÇA?
Um estudo sobre a dança no ensino regular

Conceito Final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Rubiane Falkenberg Zancan - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Aléxia Chaves de

Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular / Aléxia Chaves de Souza. -- 2017.

41 f.

Orientador: Jair Felipe Bonatto Umann.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Arte. 2. Dança na escola. 3. Ensino regular. 4. Percepção dos estudantes. I. Umann, Jair Felipe Bonatto, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Começo essa pequena grande lista agradecendo às duas pessoas que me concebem diariamente há mais de 22 anos o mais sincero e infinito amor do mundo: minha mãe, Sílvia Regina de Carvalho Chaves, e meu pai, Alexandre Vieira de Souza. Não imagino onde eu estaria sem vocês.

Às melhores avós que existem no universo: Maribel Vieira de Souza e Carmen Sílvia Sordi de Carvalho, por todo carinho, paciência, ensinamentos, amor e pela base familiar mais linda e louca que eu poderia ter.

Ao melhor grupo de **formandas** que eu poderia imaginar fazer parte, pelas palavras de aconchego, incentivo e companheirismo nas horas boas, mas, principalmente, nas horas de crise.

Ao meu Eterno Drama Club, pelos anos sinceros de amizade que já passaram e que certamente virão, pelas melhores lembranças que possuo da faculdade e pelos infinitos e infinitos dramas em todos e quaisquer momentos do dia: Aline Motta, Danielle Cappelletti, Fernanda Oliveira, Gabrielle Fraga e Silvana Claro.

Ao meu mais novo quarteto, Adso Barcellos, Bruno Manganelli e Matheus Oliveira, meus Didis, por aguentarem e consolarem a leonina mais dramática e surtadora que existe, por essa amizade linda que se construiu e se constrói diariamente e, principalmente, por me mostrarem que o tempo não importa quando a conexão entre as pessoas é profunda, assim como a nossa.

À minha amiga-irmã, Gabrielle Fraga, por todas as noites mal dormidas, por todas as mensagens preocupadas, por todo o apoio e por me alugar teus ouvidos incansáveis vezes – seja para coisas boas ou ruins.

À todos professores, colegas, amigos e à minha família que fizeram e fazem parte desta trajetória dançante e me ajudam a ser um ser humano melhor.

Ao meu orientador, Jair Felipe, por todos os ensinamentos, puxões de orelha, abraços acolhedores e por ter aceitado o desafio louco de me orientar.

À professora Andreia Lucchina, por ter aberto seus braços, cedido seu tempo e ter aceito sem pensar duas vezes em participar desta pesquisa.

À professora Priscilla Romero, aos estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Beck e à direção da escola, por terem me acolhido tão prontamente e permitiram que essa pesquisa se realizasse.

À todos vocês, minha eterna gratidão.

“A educação é uma forma de amor”
São Marcelino Champagnat

RESUMO

A arte pode provocar e causar diferentes visões de mundos. Ela pode auxiliar na sensibilização, na humanização, no desenvolvimento da empatia, pode ajudar a instigar a descoberta de maneiras criativas na resolução de situações e, na minha perspectiva, facilitar a criação de um “lugar” para entender e expressar os sentimentos. A partir destas (minhas) afirmações, comecei a me questionar o que os estudantes que possuem aulas de dança no currículo pensam sobre essas aulas e quais seriam seus pontos de vista sobre a dança no currículo. Decidi, então, realizar esta pesquisa sob o ponto de vista dos estudantes acerca da dança no currículo. Escolhi os agentes com as vivências necessárias para conversar comigo sobre esse tema na Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Beck, localizada em São Leopoldo. Nossas entrevistas foram conduzidas a partir de uma metodologia baseada no princípio da abertura, e guiadas por duas perguntas chave: “O que é dança?” e “Para que serve a dança na escola?” com o objetivo de descobrir os pensamentos e considerações dos estudantes acerca da dança no currículo. Ao fim das entrevistas somadas as reflexões que elas me causaram, posso afirmar que, no contexto da Paulo Beck, a introdução da dança no currículo proporcionou aos estudantes maneiras distintas de ver, observar e agir no mundo, assim como proporcionou maneiras distintas de pensar e entender a dança, o corpo, o colega e a si mesmos.

Palavras Chave: Dança – Educação – Arte – Estudantes – Dança no currículo

ABSTRACT

Art can provoke and cause different visions of worlds. It can assist in sensitization, humanization, on the empathy development, it can help instigate to find creative ways of solving situations and, in my own perspective, helping to create a "place" for understanding and expressing feelings. From these statements (of mine), I have started a brainstorming about what do students, whose already have dance in the curriculum think about these classes, and which would be their point of view about it. So I decided to conduct this research on dance in the curriculum from the students point of view. I chose agents who could have the necessary experiences of life to talk to me about dance in the curriculum at the Paul Beck Elementary School, located in São Leopoldo. Our interviews were conducted inspired by a methodology based on the principle of openness, and guided by two key questions: "What is dance?" and "What is dance for in school?", in order to discover the thoughts and considerations about dance in the curriculum. At the end of the interviews, together with the reflections they gave me, I can affirm that, in Paulo Beck's context, the introduction of the dance in the curriculum gave students different ways of seeing, observing and acting in the world, as well as providing different ways of thinking and understand the dance, the body, the mates and themselves.

Keywords: Dance - Education - Art - Students - Dance in the curriculum

SUMÁRIO

I (Tentando) Entender o meu mundo	Página 10
II Escape	Página 12
III Universo dançante	Página 13
III. a) Contextualização da escola	Página 14
III. b) Formação da professora e escolha da turma	Página 15
III. c) Escolha da metodologia	Página 15
IV Espaço de compartilhamento	Página 17
V Descobrimos mundos existentes	Página 20
V. a) Dança como interação social	Página 20
V. b) Dança como escape	Página 21
V. c) Dança como potencializadora na criação de autoconfiança	Página 23
V. d) Dança como... dança	Página 24
V. e) Dança como cultura	Página 25
V. f) Dança como ação profissional	Página 27
V. g) Dança como componente curricular	Página 28
VI Cruzamento entre os mundos	Página 31
Referências	Página 33
Apêndice I	Página 36
Apêndice II	Página 38
Apêndice III	Página 40

I (TENTANDO) ENTENDER O MEU MUNDO

A arte pode provocar e causar diferentes visões de mundos. Ela pode auxiliar na sensibilização, na humanização, no desenvolvimento da empatia, pode auxiliar a instigar a descoberta de maneiras criativas de resolução de situações e, na minha perspectiva, ajudar a criar um “lugar” para entender e expressar os sentimentos; conversando com essa perspectiva, Duarte Júnior (2008, p. 94), nos conta que

[...] a multiplicidade de sentidos que a obra de arte descortina faz-nos continuamente um convite: para que nos deixemos conduzir pelos intrincados caminhos dos sentimentos, onde habitam novas e vibrantes possibilidades de nos sentirmos e de nos conhecermos como humanos.

A forma de arte que irei falar nesta pesquisa é a dança, e se tratando dela, as possibilidades de mudanças citadas acima são também utilizadas para pensar o que acontece quando se pratica e estuda ela.

Por acreditar que uma das maneiras para que as pessoas voltem a se sensibilizar e a se humanizar é por meio da arte – nesse caso, da dança – e por acreditar que uma maneira muito eficaz de alcançar essas mudanças na nossa sociedade atual seja por meio da educação, refletir e escrever sobre a necessidade de incluir a dança no currículo do ensino regular e quais alterações essa inclusão proporcionou (ou não) aos estudantes se tornou um assunto particularmente interessante.

Como fazer com que as pessoas se sensibilizem através da dança? Como fazer com que as pessoas entendam o trabalho de um professor de dança na escola, dentro do currículo, e acreditem que ele tem (extrema ou mínima) importância? Como mostrar que a dança que eu acredito é, no meu ponto de vista, essencial para a escola?

Minhas experiências enquanto professora dentro e fora do currículo me permitiram abrir os olhos e a mente para a quantidade de “visões de mundo” e “formas de pensar” (MARQUES, BRAZIL, 2014, p.42) que a dança possibilita, e foi a partir das experiências curriculares que pude entender e me apaixonar pela dança como área de conhecimento.

As reflexões sobre as perguntas acima somadas às reflexões das experiências docentes, em particular da minha experiência durante o primeiro semestre de 2017 no Estágio Fundamental – primeira vez em que realmente tive contato com a realidade que pretendo trabalhar e, imediatamente, obtive um retorno positivo dos estudantes enquanto seres mais sensíveis e empáticos – me levaram a crer ainda mais na dança como maneira eficaz de humanização e a me questionar o que os estudantes pensam acerca do ensino da dança no currículo.

Foi a partir destas reflexões que decidi a maneira que iria realizar esta pesquisa: através do ponto de vista dos estudantes. E com base na decisão de ouvir os estudantes que minha jornada começou. Novas perguntas e reflexões surgiram em minha mente, levando-me a novas maneiras de ver e entender o papel da dança dentro do currículo.

Como a inclusão da dança na escola influencia a visão de mundo dos estudantes? O que modificou na vida dos estudantes ter dança no currículo? O que é dança? Para que serve a dança na escola?

Perguntas estas que me inquietam, me tiram do conforto, me fazem questionar e refletir sobre meu trabalho enquanto docente, me trazem curiosidade, interesse e vontade de descobrir suas mais variáveis e possíveis respostas. Perguntas que me levaram a entrar no ambiente escolar em busca de contato com as pessoas que teriam condições de diminuir minhas curiosidades atuais e, talvez, me instigar à novas: estudantes que possuem aulas de dança no currículo.

Escolhi levar o leitor a conhecer meu mundo através de uma escrita menos formal, proporcionando uma leitura leve, fluída e reflexiva sobre o tema principal que circunda esse trabalho: a dança na educação formal.

Espero que tenham se sentido tão curiosos quanto eu e gostem do resultado da experiência de escutar os estudantes sobre a dança na escola.

II ESCAPE

Escape *s.m.* 1. Ação ou efeito de escapar(-se); escapamento. 2. Fuga; saída; 3. Pretexto para eximir-se de obrigação. (Minidicionário Luft, 2000, p.287)

É isso que a dança na escola é? Um pretexto para sair da rotina pesada que os estudantes são obrigados a frequentar? É uma maneira de pensar diferente? Por que não pensar também a partir do corpo? É um espaço para se expressar, para aprender a se entender, a entender o outro, a exercitar a empatia, a aprender a trabalhar em conjunto, a respeitar a opinião do outro, a ser um ser humano melhor? O que é “ser um ser humano melhor”? A dança proporciona isso? Ela possui as condições e estratégias “necessárias” para que a humanização (sem definir o que seria propriamente a humanização em si) volte a reinar? Será que os estudantes acreditam que a dança na escola aparece como uma válvula de escape?

Confuso, certo? Todas essas perguntas juntas, caindo sobre ti, leitor, como se fossem uma enxurrada pretendem causar pensamentos, reflexões, inquietações... Pretendem causar algo semelhante ao que causou em mim: curiosidade. Pretendem instigá-lo a embarcar comigo nesse(s) universo(s) dançante(s) a fim de desvendar as diversas maneiras de lidar com estas perguntas, a partir das respostas que os estudantes podem nos dar.

Vamos juntos investigar acerca da dança no currículo do ensino regular pela visão dos estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Paulo Beck, localizada em São Leopoldo, e refletirmos a partir dos pontos de vista deles, dos autores e dos nossos sobre a dança, seu papel no ensino regular e suas possibilidades enquanto área de conhecimento. Vamos juntos desvendar um pedacinho dos mundos dos estudantes da Paulo Beck e, com isso, descobrir suas reflexões sobre ter aulas de dança na escola, dentro do currículo.

III UNIVERSO DANÇANTE

Para realizar a pesquisa, decidi que não tenho como objetivo propor uma generalização acerca dos dados obtidos, assim todos os movimentos que seguem são fruto de uma investigação pontual e localizada, portanto, me foquei em uma única turma de uma única escola, obtendo um único contexto para refletir sobre os relatos encontrados e assim poder trabalhar observando apenas desse contexto.

Para cumprir com meus objetivos, defini dois critérios importantes para a escolha da escola: ter um(a) professor(a) formado(a) em dança e que esse(a) professor(a) atue no currículo.

Quanto a escolha da escola a ser estudada defini como restrição não utilizar as intervenções no ambiente escolar em que atuei pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof Maria Thereza da Silveira. Pois, acredito que a minha proximidade com os estudantes e o meu entendimento das estratégias e metodologias trabalhadas nas aulas acabaria, de certa maneira, atravessando os resultados a serem obtidos, e por isso o meu afastamento foi uma escolha fundamental para a realização do trabalho.

A partir dos critérios e da restrição feita, escolhi São Leopoldo como a cidade a acolher meu estudo. A escolha se deu pela cidade ter tido seu primeiro concurso para área específica da dança em 2005, a incluindo no currículo das escolas na disciplina de Artes – Dança.

Escolhi a Escola Paulo Beck devido a sua ligação com a dança no currículo ser anterior a 2012, ano de entrada da professora Andreia Lucchina, atual professora de Artes-Dança da escola e também através de indicações do trabalho da professora.

Meu contato com a professora Andreia se deu tanto pessoalmente quanto por e-mail. Fui muito bem recebida na escola e com um entusiasmo muito grande por parte dela. Tivemos uma boa conexão e nossa conversa fluiu bastante já no primeiro dia em que nos vimos. Nossas conversas e a ótima recepção fizeram com que eu tivesse mais vontade de estar ali e de conhecer os estudantes. Os trechos das falas

da Andreia que se encontram abaixo foram retirados de perguntas feitas por e-mail para a mesma.

III. a) CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

A E.M.E.F. Paulo Beck se localiza no bairro São Miguel da cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, em uma zona de periferia. Segundo a professora Andreia Lucchina, a escola

[...] convive com todo o tipo de problemáticas que dificultam em muito o processo de ensinar e aprender. Além de uma estrutura física realmente empobrecida, também se convive com problemáticas sociais, familiares, pessoais, que se caracterizam basicamente pelas carências econômicas e as consequências destas nas famílias que demandam por educação de qualidade.

A rotatividade, a falta de professores, a indisciplina, os conflitos interpessoais e a baixa aprendizagem são problemáticas reais e importantes que confirmam a necessidade urgente que temos em apresentar novas alternativas metodológicas no espaço escolar, um espaço que precisa encontrar formas eficazes de ensinar e aprender, um espaço onde os jovens vivenciem o conhecimento de forma rica e significativa para suas vidas.

De acordo com o relato da professora Andreia e com as observações que pude fazer em minhas visitas, a escola me pareceu muito bem organizada, o sistema de salas ambientes onde quem troca de sala são os estudantes, me agradou muito, mas acredito que ainda precise de alguns ajustes para chegar, pelo menos, perto da educação ideal que imaginamos e queremos alcançar. A sala de dança da escola não é uma sala de aula adequada especificamente para as práticas de dança: possui mesas e cadeiras que precisam ser afastadas para as aulas práticas, não possui espelho ou piso adequado, mas possui tatames – o que auxilia nas aulas em que é preciso ter contato com o chão.

Como me relatou Andreia, por trabalhar em uma escola da periferia, atividades que envolvam o corpo – o seu ou o dos colegas – muitas vezes acabam em agressão, e para que houvesse mudança na maneira de lidar com os (seus) corpos foi preciso criar um diálogo entre teoria e prática com o intuito de acessar os estudantes e encontrar estratégias para trabalhar a dança com eles. De acordo com as entrevistas percebi que os objetivos trabalhados em aula variam desde entender a dança como uma cultura até o respeito e cuidado com o (corpo do) colega.

III. b) FORMAÇÃO DA PROFESSORA E ESCOLHA DA TURMA

Andreia se formou em 2009 no curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, localizada em Montenegro, e desde que entrou na E.M.E.F. Paulo Beck em 2012, trabalha, pensa e lida com a dança como uma área de conhecimento. A escolha da turma a ser estudada se deu pela professora Andreia, que após conversarmos sobre a minha pesquisa pode me auxiliar qual das suas turmas poderia me trazer resultados mais interessantes. A turma escolhida é dos anos finais do ensino fundamental e foi indicada por já possuir um conhecimento maior sobre dança e por não estar envolvida com o Projeto Eu Quero Saber¹, que acaba focando na pesquisa e não necessariamente nas aulas de dança.

A turma é muito ativa, pois o número de alunos é alto: 31 em uma sala de aula. Na parte de teoria, eles tem maior preferência, pois a preguiça e a vergonha falam mais alto. Nas atividades práticas demoram a aceitar os desafios, mas quando acreditam, participam com entusiasmo.

III. c) ESCOLHA DA METODOLOGIA

Escolhi trabalhar com uma metodologia aberta partindo do princípio da abertura, que, segundo Rosenthal (2014, p.22), pretende “apreender o mundo a partir da perspectiva dos agentes do cotidiano, e não do ponto de vista do cientista social”. Portanto, posso dizer que essa escolha foi estratégica tendo em vista minha constante necessidade de expressar meu ponto de vista e meu medo em não conseguir me eximir em tendenciar as respostas para o que eu gostaria de ouvir durante as entrevistas.

Agindo de acordo com o princípio da abertura, fui ao campo buscar, sem muitas expectativas, as palavras do “sujeito como organismo agente e conhecedor” (ROSENTHAL, 2014, p.21) do assunto que me interessa: suas percepções acerca da dança no currículo. Foi necessário desenvolver o(s) depoimento(s) “da forma mais livre possível, ao invés de buscar estruturá-lo de acordo com [...] pressupostos” (ROSENTHAL, 2014, p.61) criados por mim sobre o assunto. Segundo a tese de Alfred Schütz, citada por Rosenthal (2014, p. 64), é necessário “*voltar-se, em primeiro lugar, ao sistema de relevância do agente cotidiano* e buscar deixar de lado,

¹ Projeto Pedagógico de inserção de cultura científica dentro da Escola Paulo Beck.

nas fases iniciais do levantamento, as nossas próprias relevâncias” para que a pesquisa funcione de acordo com o princípio.

Com a metodologia escolhida, determinei duas perguntas para impulsionar nossas conversas: *O que é dança?* e *Para que serve a dança na escola?* Duas perguntas capazes de me trazer as mais variadas e inesperadas respostas, duas perguntas que funcionaram como uma semente e que ajudou a refletir sobre novas visões sobre a dança no ensino regular.

A partir de uma vontade pessoal de ouvir os estudantes cara a cara sobre a experiência de ter a dança no currículo, me vi em dúvidas de qual ferramenta utilizar: entrevistas individuais ou grupos focais. Baseando -me nas informações que a professora Andreia me trouxe de que a turma era muito envergonhada e na minha grande preocupação em criar um espaço em que eles se sentissem confortáveis para que pudéssemos conversar, escolhi utilizar as entrevistas individuais como ferramenta deste trabalho.

Realizei as entrevistas em uma sala diferente da sala de aula comum, onde éramos apenas eu e o/a estudante conversando (ou apenas respondendo às minhas perguntas). E, apesar da vergonha, mencionada anteriormente pela professora Andreia, ter aparecido em algumas entrevistas o resultado final foi extremamente rico.

Fui para a escola com mente e coração abertos para ouvir o que os estudantes (agentes do conhecimento) tinham para me contar, e foi por ter tido “disposição e capacidade de acompanhar o processo de conhecimento” (KLEINING, 2001, p.30 apud ROSENTHAL, 2014, p.61) deles que pude como pesquisadora refletir acerca das minhas atitudes e conhecimentos sobre a dança no currículo.

Após as entrevistas feitas, registrei as seguintes categorias que emergiram do meu conhecimento prévio do tema e dos temas que apareceram nas entrevistas para agrupar as falas dos estudantes que se assemelharam entre si: dança como interação social, dança como escape, dança como potencializadora na criação de autoconfiança, dança como...dança, dança como cultura, dança como ação profissional e dança como componente curricular. Mas sobre isso explicarei mais adiante.

IV. ESPAÇO DE COMPARTILHAMENTO

O contato com os estudantes da Paulo Beck permitiu que eu pudesse me relacionar com um pedacinho do mundo de cada um deles, e ouvir suas ideias e opiniões acerca da dança no currículo me deu uma nova esperança sobre a importância do papel da dança no currículo e ainda aumentou minha vontade de trabalhar no ambiente escolar.

As respostas e pensamentos dos estudantes ao se depararem com as duas perguntas feitas por mim na entrevista (“O que é dança?” e “Para que serve a dança na escola?”) são inspiradoras e, ao mesmo tempo, instigadoras. São também uma demonstração do quanto a inclusão da dança no currículo os tornou “seres mais amplos, mais profundos, mais complexos, mais múltiplos” (MARQUES, BRAZIL, 2014, p.31) através das práticas e vivências que possibilitaram aos estudantes “se soltarem mais, ter mais liberdade e se entender mais com as pessoas”, como nos diz Gabrielle de 16 anos, ou seja, práticas e vivências que possibilitaram que eles pudessem se conhecer e também conhecer o outro.

A primeira pergunta me trouxe respostas mais “prontas”, onde afirmaram basicamente que dança é se movimentar e se expressar. Já a segunda me trouxe respostas que variam entre liberdade, desinibição, cultura e nada, criando um espaço maior para reflexão do papel da dança no currículo.

Por questões éticas decidi manter seus nomes em anônimo, assim os nomes que aparecem foram criados por mim.

Será que a dança está na escola apenas “porque é uma matéria né, daí tem que fazer as coisas que a professora pede”, como disse o estudante Renato (15 anos), ou será que ela está ali também para, segundo a estudante Daniela (13 anos), “trazer o que realmente é dança e mostrar que dança é uma cultura”? Ou ainda, será que a dança pode estar na escola para ambas as situações: ser uma matéria e ainda assim demonstrar ser uma cultura?

Sim, a dança foi incluída na escola Paulo Beck como uma matéria, no currículo, mas isso não deve significar que a dança seja vista apenas assim. Bem

pelo contrário! O ensino da dança, segundo Marques e Brazil (2014, p. 38 e 39), deve visar em suas possibilidades de “ampliar o universo da comunicação humana, das relações interpessoais, das relações entre o pessoal e o coletivo”, assim como “propor abrir outras janelas e portas, discutir, problematizar e fazer viver relações sociopolítico-culturais significativas atravessadas pelas linguagens artísticas” e também, como nos diz Cappelletti (2016, p.22), “despertar a percepção das possibilidades de transformação e, assim, convidar os estudantes [...] a trabalhar em colaboração por uma educação mais viva”.

Apesar de aceitar a proposta que fiz à mim mesma de ir para a escola o mais neutra possível, buscando influenciar os estudantes o mínimo possível em suas respostas, não posso negar que me encanta afirmar que o estudante Carlos de 14 anos concorda comigo ao afirmar que dança “é diferente das outras matérias”, e que Marques e Brazil (2014, p.29) nos falam sobre a dança como “o início de um caminho para sistematizar, ampliar e construir conhecimento [...] que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada”. Por acreditar fielmente que as pessoas que tem contato com a arte são mais sensíveis, no meu ponto de vista, a inclusão da dança no currículo deve ter como objetivo fazer os estudantes se desacomodar da rotina, pensar diferente, aprender coisas novas de maneiras diferentes... acredito que a dança pode levar os estudantes a se transformar em pessoas (mais) criativas, ou então manter a criatividade acesa dentro deles por mais tempo. Marques (2012, p.65) nos diz que a “dança como atividade artística, [...] é sempre ressaltada como sendo importante da formação do Homem, na medida em que permite a expressão e comunicação de suas ideias e sentimentos”.

Acredito que pessoas que possuem contato com as artes, seja ele qual for, e se permitem ser tocadas por elas são apresentadas à novas possibilidades de ser. São também oportunizadas à, caso julguem enriquecedor para si, praticar a delicadeza em relação a si e, talvez principalmente, em relação aos outros; são incentivadas a pensar também com o coração e com os sentimentos – aqui utilizo a definição de Duarte Junior (2008, p.74) que nos diz “sentimento aqui significa também uma maneira emotiva de relacionamento com o mundo” – e a serem capazes de enxergar soluções poéticas para as situações cotidianas.

Pensando sobre o contato com a arte na escola, durante as entrevistas pude identificar algumas frases que conversam com os motivos que acredito sobre a arte/dança ser uma das alternativas que as pessoas possuem para se sensibilizar consigo e com o outro; segundo a estudante Gabrielle a dança na escola serve “pra se entender mais com as pessoas”, já a estudante Joana (14 anos) diz que a dança serve “pra um conhecer melhor o outro” e por fim o estudante Mateus (17 anos) comenta que a dança serve “pra interagir também com os [outros] alunos”, ao mesmo tempo, como disse a estudante Camila (14 anos) a dança possibilita “cada um inventar o seu estilo e a sua coreografia”, ou seja, conhecemos o outro enquanto conhecemos a nós mesmos e vice-versa – nos tornamos sensíveis. Cappelletti (2016, p. 40) nos lembra que

[...] somos seres humanos incorporados de sentimentos: sentimos. Os sentidos corporais despertam sensações que reverberam no nosso modo de pensar e agir cotidianamente. Por sermos seres sensíveis somos capazes de nos colocarmos no mundo com um olhar humano para com o outros e para com a realidade.

Conversar com os estudantes me fez perceber que ter dança nas suas rotinas através do currículo mexeu de alguma maneira com seus mundos, pois os fez refletir e aprender sob pontos de vista distintos dos que eles tinham antes, assim como os fez descobrir outras possibilidades de se expressar, como exemplifica Camila na seguinte frase “a dança é uma coisa que tipo, ajuda as pessoas muitas vezes, pra quem não sabe conversar, pode se expor dançando, ajuda bastante” e outras maneiras de adquirir características importantes para a vida, como nos explica o estudante David (14 anos) a seguir: “acho que [...] a pessoa precisa da dança pra ganhar algumas coisas, tipo, acho que confiança e essas coisas”.

V DESCOBRINDO MUNDOS EXISTENTES

Partindo do estudo das conversas relatadas no capítulo anterior pude perceber algumas semelhanças nas falas dos estudantes e a partir delas criei sete categorias para refletirmos sobre a dança na escola.

V. a) DANÇA COMO INTERAÇÃO SOCIAL

[Dança serve] “pros alunos se divertirem, pra um conhecer melhor o outro.”
(Joana)

Penso muito sobre essa categoria em particular e em como explorar possibilidades de proporcionar um espaço agradável dentro da sala de aula, assim como dentro de todo ambiente escolar, visando aumentar a interação dos estudantes entre si, com os(as) professores(as) e com a comunidade escolar. Acredito que a dança seja uma ótima opção para criar e manter contato com os estudantes, e que ela é capaz de proporcionar o espaço seguro que eles precisam para se aceitar e aceitar o outro, se conhecer e conhecer o outro, ou seja, se permitir ser e ousar, e permitir que o outro também seja e ouse.

A dança na escola deve proporcionar oportunidades para que o aluno desenvolva todos os seus domínios do comportamento humano e, por meio de diversificações e complexidades, o professor contribua para a formação de estruturas corporais mais complexas. (VERDERI, 1996, p.18).

Utilizando como base as entrevistas com os estudantes da Paulo Beck, posso dizer que o trabalho da professora Andreia Lucchina conversa com a ideia de interação que acredito ser necessária para formar pessoas mais sensíveis e adeptas a olhar o outro.

O professor de arte, junto com os demais docentes e através de um trabalho formativo e informativo, tem a possibilidade de contribuir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar. (FERRAZ, 2010, p. 22)

[Dança é] “uma coisa que a gente se diverte, que a gente interage em grupo eu acho [...] a gente se solta, se diverte e tudo mais.” (Caio, 14 anos)

Uma das maneiras de educar através da dança é possibilitar aos estudantes se tornarem indivíduos mais sensíveis, é proporcionar liberdade, conhecimento sobre o corpo, empatia, autoconfiança; é proporcionar um espaço de aprendizagem que seja ao mesmo tempo libertador e esclarecedor.

[Dança serve] “pra eles [estudantes] se soltarem mais, ter mais liberdade eu acho, e se entender mais com as pessoas, que tem umas pessoas que são muito envergonhadas né, e eu acho que é pra isso que serve a dança na escola.” (Gabrielle)

Como exemplificado pelos estudantes da Paulo Beck, a dança na escola parece oportunizar a eles um espaço para ter liberdade e criar confiança em si e nos colegas para interagir socialmente.

V. b) DANÇA COMO ESCAPE

[Dança] “é onde as pessoas dançam, e [...] ficam livres, tipo, se divertem, essas coisas. [Serve] pra tirar as coisas da cabeça, ficar ali dançando, esquecer as coisas ruins, se livrar né, tipo, ficar mais livre assim.” (Bárbara, 14 anos)

O que penso e problematizo a respeito dessa categoria é o local em que a dança pode ser enquadrada: o local de escape. Ser o local de escape pode nos levar a duas interpretações – trabalhar a dança como uma atividade complementar, uma recreação, uma pausa para respirar dos conteúdos oferecidos no currículo que são julgados importantes e relevantes: conteúdos que são considerados sérios e que limitam o movimento do corpo.

Ciro Giordano Bruni, dançarino e educador italiano, afirmava a esse respeito que ‘virou quase regra estabelecer entre a arte e a ciência uma lastimável distinção: a primeira se aprende como uma atividade lúdica e a segunda, de uma maneira séria e constrangedora.’ Sua crítica não se fixava apenas na questão da ausência do lúdico nas disciplinas científicas da escola, mas também na ausência de seriedade no ensino de disciplinas artísticas, comportamento que tende a acentuar a visão de que o ensino de arte é supérfluo. (STRAZZACAPPA, 2001, p. 62)

Ou trabalhar a dança como um espaço alternativo dentro da rotina escolar atual, ainda que, na minha visão romântica e –ainda– esperançosa, acredite que

toda rotina escolar deveria ser reestruturada e repensada tendo como um de seus objetivos (re)construir a escola como um espaço em que os estudantes se sintam livres para pensar, refletir, falar, se expressar e questionar sobre os mais diversos assuntos e situações cotidianas, e ao mesmo tempo como um lugar para esquecer os problemas que acontecem do portão para fora, um lugar que não seja necessário pensar, refletir, falar, se expressar e questionar. Ou seja, reconstruir o ambiente escolar buscando ser o lugar que, atualmente, a dança, por ser tratada como um espaço alternativo dentro da escola, acaba ocupando; como é exemplificado por Camila (14 anos) quando diz que a dança serve “pra ajudar a tipo, os alunos, pra eles ocuparem a cabeça”.

Nessa interpretação, a dança e o ambiente escolar podem ser trabalhados, segundo Capra (1982) apud Marques (1997, p.25), como “uma maneira múltipla e sistêmica de conectar conhecimento, as pessoas e suas realidades sociais, políticas e culturais”.

“Eu acho que dança tipo, traz uma aula descontraída assim, uma coisa diferente sabe.” (Daniela)

Acredito que trabalhar e enxergar a dança como local do escape das situações cotidianas, indo de acordo com a opção citada acima da dança como um espaço alternativo seja a maneira em que conseguiremos cada vez mais entender e observar a importância desse lugar no mundo de cada estudante.

Segundo os estudantes da Paulo Beck, a dança na escola é considerada uma alternativa na maneira de se viver, fazendo com que ela seja entendida como um local de escape.

“[Dança] Na escola, [serve] pra poder influenciar um melhor caminho assim, tipo, pra abrir mais oportunidade pras pessoas, porque é cultura, também. [...] Então, [os estudantes] são mais, digamos que, maduros, pela dança também, tipo, influencia porque é bom, a gente aprende também mais coisa, é melhor” (Raquel, 14 anos)

V. c) DANÇA COMO POTENCIALIZADORA NA CRIAÇÃO DE AUTOCONFIANÇA

“Dança pra mim é tipo, onde a pessoa se expressa, faz o que quer, tipo dança do jeito que bem entender, pra mim isso que é dança.” (Gabrielle)

“Dança pra mim é tipo, dançar livremente, essas coisas [...] se expressar um pouco na verdade [...]. Mas, dança pra mim, tipo, é uma coisa inexplicável, é legal, bom, uma sensação boa [...] estar dançando.” (David)

Levar movimento para a sala de aula, proporcionar sensação de liberdade, dar a oportunidade de se expor pela fala e pelo corpo, trazer a importância do pensamento crítico e colocar o estudante como foco podem ocasionar situações delicadas – porém necessárias, visto que um dos nossos objetivos enquanto professores na escola é, também, desacomodar os estudantes com o intuito de criar reflexões.

Baseado nos depoimentos dos estudantes da Paulo Beck, é perceptível que a dança trabalhada durante as aulas da professora Andreia é também uma maneira do estudante “recobrar a confiança no ser humano que é” (FERRARI, 2010, p.1), e que a partir das aulas “o envolvimento, a participação coletiva, a aproximação e respeito com o outro, a elevação da autoestima” (MARQUES, BRAZIL, 2014, p. 43) são desenvolvidos e acabam tornando a sala de aula um lugar muito mais rico de se viver.

“Acho que [...] a pessoa precisa da dança pra ganhar algumas coisas, tipo, acho que confiança e essas coisas.” (David)

Nas falas acima percebemos que a passagem da dança pelas vidas dos estudantes fez com que eles percebessem a dança enquanto facilitadora na criação de confiança em si e nos outros, não que apenas a dança proporcione essa reflexão, mas a maneira em que ela é conduzida em sala de aula ocasionou esses efeitos que “podem e devem estar presentes no ensino da Química, da Matemática, da Língua Portuguesa” (MARQUES, BRAZIL, 2014, p 43) também, se os professores conduzirem suas aulas visando também estes resultados sociais.

Se o professor de Arte estiver de fato envolvido com a arte, se ensinar produzindo arte com os estudantes, se frequentar arte e sensibilizar-se com ela, se estudar e pesquisar arte e manter vivas as suas múltiplas capacidades de leitura e compreensão, um passo

terá sido dado. Esse passo, em si, já envolve disciplina, concentração, dedicação, envolvimento, participação coletiva, aproximação e respeito com o outro, elevação da autoestima, responsabilidade pelos processos e resultados. É um pequeno passo, mas definitivo e decisivo para o próprio professor, para os estudantes e, possivelmente, para toda a sociedade. (MARQUES, BRAZIL, 2014, p 45)

É possível perceber que a partir da maneira em que a professora Andreia trabalha com os estudantes da Paulo Beck nas aulas de dança, eles são instigados a se movimentar no intuito de, também, começar a se expor aos outros sem que isso seja um problema, como nos exemplifica Camila, quando diz que “a dança é uma coisa que tipo, ajuda as pessoas muitas vezes, pra quem não sabe conversar, pode se expor dançando, ajuda bastante”.

V. d) DANÇA COMO... DANÇA

“Dança é se movimentar. Dança é... dançar, agir.” (Mateus)

Nessa categoria dança é movimento pelo movimento, é proporcionar autonomia e independência da dança enquanto dança; nessa categoria, mesmo os estudantes não tendo mencionado seu nome, dança é Mercê Cunningham².

A dança enquanto movimento, livre das expectativas que criam sobre ela; a dança enquanto movimento, livre da obrigatoriedade de se fazer sentido ou de fazer sentir; a dança enquanto movimento, livre da vontade de se associar à uma música, figurino, cenário, bailarinos... A dança, aqui, nesta categoria, é vista pelos estudantes apenas como movimento – e isso já é tudo.

“Acho que [dança é] movimentos com o corpo, ficar dançando, se mexendo.
(Ana, 14 anos)

A dança para Cunningham se basta, é suficiente, se completa e não necessita de interrelações com o abstrato – sentimentos, emoções – e nem com o “concreto” – música, figurino – para existir. Como nos afirma Banes (1987, p.6) falando sobre

² Mercier Philip Cunningham, mais conhecido como Mercê Cunningham é um dos artistas precursores da dança pós-moderna. Nascido em 1919, na cidade de Centralia, Cunningham foi bailarino e coreógrafo durante a maior parte de sua vida, acreditava na concepção da dança pela dança, trabalhando com base na desunidade: “o movimento separado de tudo aquilo que não seja ele mesmo” (MARQUES, 2009, p.170). Seus trabalhos eram muito baseados na experimentação e na rejeição à totalidade.

Cunningham “você não precisa externamente de aspectos expressivos para criar significado em uma dança quando o movimento já é intrinsecamente significativo, ‘em seus ossos’”.

Cunningham permite que a dança seja simples, e que ela aconteça pela vontade e necessidade de se movimentar, de dançar. Ele a liberta da pressão de ser um acompanhamento (da música, do bailarino) e lhe dá o lugar de igualdade e simplicidade que é onde ele acredita que ela deva estar. Para ele, a dança possibilita

[...] mostrar sem demonstrar, sem dizer, fazer com que a coisa exista sem justificar a sua existência por uma qualquer que seja utilidade, nem mesmo a de distrair - ou mesmo também a de distrair. Fazer e não re-fazer o mundo. Existir como acontecimento do mundo, não como sua simulação. (FEBVRE, 1995)

De acordo com a estudante Joana que nos diz que a dança é “conjunto de movimentos” e com a estudante Silvia (14 anos) que nos diz que dança “é os movimentos que a gente faz com o corpo”, podemos fazer relações com a maneira em que Cunningham entende a dança e com a maneira em que a dança é vista pelos estudantes da Paulo Beck.

Finalizo essa categoria com a fala do estudante Eduardo de 14 anos, que exemplifica muito bem a ligação entre a visão sobre dança de Cunningham com a visão dos estudantes da Paulo Beck citada acima: dançar é dançar né [...] pra mim dançar é se movimentar, dançar assim, botar uma música e daí a pessoa dança”.

V. e) DANÇA COMO CULTURA

Em diferentes entrevistas a palavra cultura apareceu em relação direta com a dança, o que me levou a pensar algumas coisas, tal como a maneira em que a professora Andreia trabalha a dança com os estudantes, quais as relações que eles (professora e estudantes) criam entre dança e cultura e de que maneira a palavra cultura é entendida por eles (professora e estudantes) levando a criação de sentido nas relações entre dança e cultura.

Entendo cultura como um conjunto de elementos que representam o modo de viver e ser de um ou mais grupos de pessoas, segundo Kramsch (1998) citada por

Telles, Zakir e Funo (2015, p.367), “[...] cultura pode ser definida como a participação em uma comunidade discursiva que compartilha um espaço social comum e história, e um imaginário comum”, o que conversa muito com o meu entendimento de cultura. Levy (2007), também citado por Telles, Zakir e Funo (2015, p.367) conclui que “[...] a cultura é tanto uma manifestação de um grupo ou de uma comunidade, quanto a da experiência de um indivíduo dentro desse grupo, ou separado dele”.

Reflexões acerca de como as pessoas entendem cultura me levaram a compartilhar com Dantas (1994, p. 107) o pensamento de que “nem sempre a dança é percebida como um elemento da cultura dos povos” devido à maneira que nossa sociedade é e está sendo construída: deixando de lado a dança e as expressões artísticas enquanto movimentos expressivos.

Fui buscar no Minidicionário Luft (2000) o significado da palavra Cultura e ao ler as definições disponíveis comecei a pensar sobre a fala da estudante Daniela que diz: “a gente aprende que dança vem de todo uma história, todo uma cultura, [...] todo uma década, um tempo” e também sobre a afirmação do Núcleo Dança, Cultura e Sociedade que vê a dança como “uma manifestação corporal milenar, parte integrante da nossa cultura e intensamente vivenciada pela nossa sociedade”, Criei links entre as informações e a seguinte definição de cultura foi a que mais me agradou e fez sentido para esta pesquisa:

Cultura s.f. 5. (Antrop.) Conjunto de experiências humanas (conhecimentos, costumes, instituições, etc.) adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos. (Minidicionário Luft, 2000, p 209)

Juntando as informações citadas acima, a visão sobre dança que a professora Andreia trabalha com os estudantes se distancia do pensamento de Dantas, mas se aproxima da afirmação no Núcleo Dança, Cultura e Sociedade, os levando a enxergar a dança como parte de uma cultura, como lugar em que se oportuniza vivências culturais, como maneira de se conectar e aprender sobre o passado.

[Dança serve] “pra incentivar os alunos numa cultura que foi já desde antes sabe, desde o passado já existia isso, então tu acessa o passado como se fosse uma história também.” (Silvia)

V. f) DANÇA COMO AÇÃO PROFISSIONAL

“Eu acho que [dança] é tipo um modo de viver de uma pessoa.” (Leandro, 14 anos)

Nessa categoria falarei sobre os estudantes que acreditam a dança como profissão, como uma maneira de viver a vida, de observar o mundo, como uma maneira de ser.

As entrevistas me revelaram que as ações da professora Andreia em sala de aula levaram os estudantes a ver possibilidades na dança como profissão, criando uma relação com a ideia de Strazzacappa (2001, p 57) que diz que “a dança na escola pode servir de incentivo para que a criança se torne artista, ao lhe possibilitar o contato com esse universo mágico”.

Foi possível identificar o valor que os estudantes dão para a dança e o quanto eles acreditam que ter essa arte dentro do currículo modifica a maneira que eles veem o mundo e como eles se portam nele.

[Dança] “Serve pra muitas coisas, como auxiliar o aluno a fazer coisas certas e não fazer coisas erradas, tem muitas pessoas aí que largam a escola e vão fazer outras coisas que não servem pra elas. E a dança é um modo da criança ou adulto conseguir escolher o que vai fazer, na escola a gente aprende a fazer o que é pra vida.” (Juliano, 14 anos)

“Dança na escola serve pra fazer os outros escolherem o que elas querem seguir, tipo a profissão.” (Leandro)

Finalizo essa categoria com a ideia de que ter dança no currículo fez os estudantes da Paulo Beck perceberem as possibilidades que ela lhes proporcionou devido ao crescimento de visões de mundo.

V. g) DANÇA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Última categoria: a dança como matéria, como conteúdo, como área de conhecimento.

“Dança é uma, meio que uma arte né, uma arte assim pra dançar, pra se divertir também assim, meio que pra aprender também né, uns passos, coisa assim né.” (Jorge, 14 anos)

Acredito que a dança aparece na escola com o intuito de levar os conhecimentos artísticos relacionados à ela aos estudantes, presume a ampliação da visão sobre o mundo, assim como ajuda na continuidade do desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e da disponibilidade corporal e mental. Marques e Brazil (2014, p 42) nos lembram que “a presença da arte na escola diz respeito, primordialmente, ao conhecimento, à percepção e à experimentação”, o que nos leva a pensar e nos relacionar com a dança na escola como espaço de busca, de liberdade, de descobertas, como um espaço que proporcione, como nos diz Tales (14 anos) “saber dançar, aprender sobre o corpo, sobre as partes [do corpo],” e também, segundo Ana “se exercitar e aprender mais sobre as culturas”.

Nessa categoria, que traz por meio das falas dos estudantes a inclusão da dança no currículo, é necessário refletir sobre como incluir a dança sem destruir suas possibilidades de ser um espaço libertador e artístico. É necessário refletir sobre a importância de levarmos o conhecimento sobre a dança para dentro das escolas e sobre como essa inclusão pode ser feita. É importante que consigamos levar a dança para dentro da escola cuidando para que ela não se torne um peso, como, infelizmente, a maioria das outras matérias já se tornou. É necessário mantermos viva a dança subjetiva na escola, mesmo com a objetividade que lhe é cobrada. É importante não deixarmos a dança ser apenas um local de escape, mas também um local seguro, novo e interessante aos olhos dos estudantes e da comunidade escolar para tocarmos seus mundos e suas vidas de maneiras diferentes do que haviam sido tocados antes.

Precisamos ter cuidado para que a dança não seja só “uma matéria né, daí tem que fazer as coisas que a professora pede”, como disse Renato, e tentarmos proporcionar que ela seja “diferente das outras matérias”, como disse Carlos, os

levando a “aprender a dançar” (Eduardo) e aprender “o que não sabe[m] sobre a dança” (Joana). Precisamos ter cuidado para não nos deixarmos escorregar no óbvio e impedirmos que a dança seja tudo o que ela tem potencial para ser: transformadora.

Como docentes, não podemos pensar na dança como componente curricular sem nos preocuparmos com o lugar que ela pode (e em alguns momentos deve) ser vista como escape, nesse caso, quando falo em escape falo da “liberdade de movimento, livre expressão, e desenvolvimento de outras dimensões contidas no inconsciente” (VERDERI, 1996, p.37) que a dança pode proporcionar aos estudantes. Como não criar um link entre a dança como interação social, cultura e com a criação de autoconfiança dos estudantes? Segundo Verderi (1996, p.37)

[...] a dança na escola [...] deverá propiciar atividades geradoras de ação e compreensão, favorecendo a estimulação para a ação e decisão no desenrolar das mesmas, e também reflexão sobre os resultados de suas ações, para assim, poder modificá-las defronte a algumas dificuldades que possam aparecer e através dessas mesmas atividades, reforçar a auto-estima, a auto-imagem, a auto-confiança e o auto-conceito.

Como pensarmos a dança como dança sem relacionarmos com as possibilidades dela como ação profissional?

Como pudemos perceber ao longo das falas dos estudantes da Paulo Beck nas categorias acima, a inclusão da dança na escola, pela maneira que a professora Andreia Lucchina trabalha, proporcionou que eles enxergassem a dança mais do que apenas uma matéria, mais do que apenas movimento. A inclusão da dança na escola os fez ampliar seu olhar para si, para o outro e também para o passado, os fez perceber outras maneiras de se posicionar socialmente e também os fez refletir sobre como a dança os auxilia na criatividade, na liberdade, na liberdade de expressão e também na prática da empatia e da sensibilidade.

Para mim, a dança na escola deve visar práticas que ajudem a proporcionar uma boa saúde mental e física dos seus estudantes – assim como a educação de modo geral. A dança na escola deve proporcionar vivências e experiências distintas. Deve propor pensar com outras partes do corpo. Deve propor exercer a empatia, a reconhecer – e se permitir ter – sentimentos. A dança na escola “permite ampliar o

universo da comunicação humana, das relações interpessoais, das relações entre o pessoal e o coletivo” (MARQUES; BRAZIL, 2014 p.38). A dança na escola deve propor a ser: colega, estudante, amigo, pessoa, humano, afinal “é a Dança uma das expressões que suscita o sentido de ser.” (FERRARI, 2010, p.1-2)

VI Cruzamento entre os mundos

A partir das entrevistas feitas com os estudantes da Paulo Beck posso afirmar o quão importante é a dança estar no ambiente escolar desta escola para proporcionar novas opções de caminhos a serem trilhados. Pude perceber nas entrelinhas de nossas conversas que o fato da escola estar em uma zona de periferia, o que por si só já significa um número reduzido de oportunidades para os jovens, o papel da dança no currículo é fundamental para os estudantes perceberem que existem outras opções de ver o mundo, de cumprir seu papel perante a sociedade, além de perceberem que suas oportunidades aumentam conforme conhecem novas relações da dança com o corpo. Enxergar a dança como alternativa profissional é enxergar uma realidade diferente da que eles conhecem.

Conversar com os estudantes e com a professora Andreia sobre suas percepções da dança no currículo, ou seja, sobre o meu futuro papel de educadora dentro da escola me fez perceber que preciso “atuar como um articulador de transformações: [...] dos estudantes e, conseqüentemente, da sociedade em que vivem” (MARQUES; BRAZIL. 2014, p.31) e que meu papel enquanto facilitadora de aprendizagem pode vir a ser essencial para proporcionar aos estudantes maneiras de se conhecer e se construir como seres mais sensíveis e humanos, assim como abrir “possibilidades de vivenciar as relações humanas de outra forma” (MARQUES; BRAZIL. 2014, p.37).

Meu intuito com esta pesquisa não é criar generalizações e nem pontuar apenas a arte/dança como salvação do universo – ainda que acredite na dança/arte como grande potência para a transformação das pessoas em relação à sensibilidade, criatividade, empatia, entre outros. Meu intuito é relatar e refletir sobre a dança no currículo da Paulo Beck, partindo da visão e reflexão dos estudantes sobre isso. Minhas conclusões, ainda que falem especificamente da Paulo Beck, trazem muito do que eu acredito e entendo sobre o papel da dança na escola, e tenho certeza de que é possível ver muito do meu amor pela dança na escola e da minha esperança nela enquanto possível transformadora das pessoas tanto nelas quanto no decorrer do trabalho.

As entrevistas me proporcionaram ver que a dança no currículo da Paulo Beck é ensinada de acordo com o que eu acredito que ela deva ser ensinada nas escolas. Me fez perceber que sim, no contexto da Paulo Beck a dança fez os estudantes olharem para si, para o seu corpo, para o corpo do colega, para o colega em si; a dança os fez pensar em novas possibilidades de ser, novas possibilidades de pensar, novas possibilidades de ver, novas possibilidades de refletir, novas possibilidades de encarar a dança e de entender que ela pode ser mais do que apenas conteúdo, ela pode ser cultura, expressão, sentimento, ação profissional, lugar de escape, e muito mais.

Realizar esta pesquisa como trabalho de conclusão de curso não poderia ter me trazido mais alegrias, pois me levou a reviver os anos de faculdade e me proporcionou a fazer links com diversos conteúdos vistos durante esses anos, como por exemplo: a dança moderna, a história da dança e todos conteúdos que falam sobre a dança na escola. Além de ter podido comprovar mais uma vez meu amor pelo ensino da dança dentro do currículo da escola.

Me surpreendi e me enchi de felicidade a cada entrevista feita, pude sentir meus olhos brilhando cada vez que um estudante vinha conversar comigo por saber que minha curiosidade em obter considerações sobre a dança na escola seria sanada logo e me sentia renovada cada dia que saía da escola. Estar no ambiente escolar, vivendo, mesmo que por pouco tempo, junto com os estudantes da Paulo Beck foi uma experiência incrível, e por ter realizado as entrevistas pude me mostrar novamente o quanto ser educadora é o que irá me fazer feliz.

Seguimos na busca de uma educação sensível e transformadora, onde a arte/dança poderá ser encarada, entendida e lidada com todo o potencial que ela possui.

REFERÊNCIAS

AU, Susan. **Ballet and Modern Dance**. Penguin Editions, 3º ed, 2012. Tradução de Gustavo Ciríaco

BANES, Sally. **Terpsichore in Sneakers** – Post-Modern Dance. Wesleyan University Press, 1987

CAPPELLETTI, Danielle Silveira. **Dança no espaço escolar: a arte permeando a construção do ser**. 2017. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157241/001017166.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 6 dez. 2017

CARBONERA, Daniele; CARBONERA, Sergio Antonio. **A importância da dança no contexto escolar**. Monografia (Especialização) - Curso de Instituto de Estudos Avançados e Pós Graduação, Faculdade Iguazu, Cascavel, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/DANCA_ESCOLA.pdf>. Acesso em: 15 Nov. 2017

DANTAS, Mônica Fagundes. **Toda mudança desse dia... uma dança: uma abordagem histórica da dança artística**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco, 1953. **Fundamentos estéticos da educação**. 10ª ed. – Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1460/1434>> . Acesso em: 13 Dez. 2017

FEBVRE, Michèle. **Danse contemporaine et théâtralité**. Paris Editions Chiron, 1995.

FERRARI, Marina G. Barbieri. **Por que dança na escola?**. 2010. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/arquivos/File/textos/porque_danca_na_escola.pdf>. Acesso em 03 Dez. 2017

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: Construindo caminhos. 10. ed. Campinas: Papirus, 2011

MARQUES, A. S. (2012). Dança, criatividade e educação artística: Um cruzamento essencial e exequível. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, 2. ed, p.59-72
Disponível em:

<https://www.eno-net.eu/sites/default/files/marques_danca_ed_artistica_0.pdf>.
Acesso em: 08 Dez. 2017.

MARQUES, Isabel A.; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. **Dançando na escola**. São paulo: Cortez, 2003

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NANNI, Dionisia. **Dança Educação**: Pré-escola à universidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008

NARANJO, Javier (Comp.). **Casa das estrelas**: O universo contado pelas crianças. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

Núcleo Dança, Cultura e Sociedade <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/danca/>> Acesso em: 14 Dez. 2017

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. Tradução de Tomás da Costa. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das Artes: Construindo caminhos**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2011. Cap. 2. p. 39-78

_____. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. 2001, vol. 21, n. 53. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/32365/1/S0101-32622001000100005.pdf>>. Acesso em: 22 Nov. 2017

TELLES, João Antonio; ZAKIR, Maisa de Alcântara; FUNO, Ludmila Belotti Andreu. Teletandem and culture-related episodes. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 359-389, Dec. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000200359&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Dez. 2017.

UMANN, Jair Felipe Bonatto. **Dançando em harmonia na cadência da transdisciplinaridade: um referencial para o ensino das danças populares brasileiras na universidade**. 2007. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.– Porto Alegre, 2007.

VERDERI, Erica Beatriz L.M. **Dança na escola: uma abordagem pedagógica**. São Paulo: Phorte, 1996. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1597&acordo=>> e <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1598&acordo=>>. Acesso em: 20 Nov. 2017

https://www.facebook.com/pg/projeto2017euquerosaber/about/?ref=page_internal. Acesso em: 07 Dez. 2017

https://pt.wikipedia.org/wiki/Merce_Cunningham. Acesso em: 14 Dez. 2017

<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/148/2635>. Acesso em 14 Dez. 2017

APÊNDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “*Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*”. Seus pais permitiram que você participasse.

Quero saber quais as suas opiniões sobre a dança na escola.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 13 a 16 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Beck, onde as crianças participarão de entrevistas individuais. Para isso, será usado um gravador de celular. Caso aconteça algo errado, você pode me procurar pelo telefone (51) 99959-8622.

Há coisas boas que podem acontecer a partir desta pesquisa, como a reflexão sobre as práticas de dança vivenciadas na escola.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falarei a outras pessoas, nem darei a estranhos as informações que você me der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

Quando terminar a pesquisa, irei divulgar o resultado virtualmente para que tenhas o acesso a ele.

Se você tiver alguma dúvida pode me perguntar pelo telefone que está na parte de cima deste texto.

=====

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “*Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*”.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

São Leopoldo, ____de _____de 2017.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: *Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*

Área do Conhecimento: Dança

Número de participantes: 23

Unidade: ESEFID/UFRGS

Curso: Licenciatura em Dança

Patrocinador da pesquisa: Não possui

Instituição onde será realizado: ESEFID /UFRGS

Nome da pesquisadora: Aléxia Chaves de Souza

ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA

Vimos através deste, convidar estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Beck para participar da pesquisa intitulada "*Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*", a ser desenvolvido pela aluna de Graduação, Aléxia Chaves de Souza, sob orientação do Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann, vinculado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa tem por finalidade abrir o diálogo com os estudantes sobre a aprendizagem da dança na disciplina de Artes. Para isso, será feito o uso de entrevistas individuais estruturadas. As entrevistas que iremos realizar não irão trazer nenhum risco à saúde e/ou a dignidade. Ao aceitar participar desta pesquisa, os estudantes participarão de uma entrevista individual.

Estas entrevistas serão realizadas em encontro pré-agendados e serão gravadas. Todo o material (anotações e gravações) será guardado e destruído após 5 anos. A identidade do participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações pessoais. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação. O material resultante do trabalho ficará depositado no Lume- Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Os estudantes poderão desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum, como também sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados. Sua participação é voluntária. Ele(a) não receberá qualquer compensação pela participação na pesquisa. Outros esclarecimentos acerca deste estudo poderão ser obtidos junto aos pesquisadores, pelo telefone (51) 999598622 ou pelo e-mail alexia.chaves@hotmail.com ou com o orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança, Prof Jair Felipe Umann, pelo e-mail felipeumann@gmail.com.

2. IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Aléxia Chaves de Souza

E-mail: alexia.chaves@hotmail.com

Telefone: (51) 99959-8622

Cidade: Porto Alegre

Devido a autorização de uso de imagem e voz que os responsáveis assinam ao matricular seus filhos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Beck, **Eu**, _____, diretora da Escola, fui informada sobre a pesquisa, e após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo e autorizo que os estudantes que consentiram em participar voluntariamente, participem da pesquisa "*Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*", e assino este documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em posse da escola.

São Leopoldo, _____ de _____ de 2017

Anette Morelle - Diretora da Escola

Aléxia Chaves - Pesquisadora

APÊNDICE III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: *Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*

Área do Conhecimento: Dança

Número de participantes: 23

Unidade: ESEFID/UFRGS

Curso: Licenciatura em Dança

Patrocinador da pesquisa: Não possui

Instituição onde será realizado: ESEFID /UFRGS

Nome da pesquisadora: Aléxia Chaves de Souza

ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA

Vimos através deste, informar à diretora Anette Morelle sobre a pesquisa intitulada "*Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*", a ser desenvolvido pela aluna de Graduação, Aléxia Chaves de Souza, sob orientação do Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann, vinculado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa tem por finalidade abrir o diálogo com os estudantes sobre a aprendizagem da dança na disciplina de Artes.

A escolha da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Beck, localizada em São Leopoldo, como local a ser pesquisado se deu por meio a sua vasta experiência com a dança no currículo e pelas ótimas recomendações sobre ela. Por esses dentre outros motivos, revelar o nome da Escola na pesquisa se torna importante e trará mais visibilidade à escola e, principalmente, à disciplina de Artes - Dança.

Outros esclarecimentos acerca deste estudo poderão ser obtidos junto aos pesquisadores, pelo telefone (51) 999598622 ou pelo e-mail alexia.chaves@hotmail.com ou com o orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança, Prof Jair Felipe Umann, pelo e-mail felipeumann@gmail.com.

2. IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Aléxia Chaves de Souza

E-mail: alexia.chaves@hotmail.com

Telefone: (51) 99959-8622

Cidade: Porto Alegre

Eu, _____, diretora da Escola, fui informada sobre a pesquisa, e após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo e autorizo que o nome da Escola seja revelado na pesquisa "*Quem regula - ou melhor - entende essa dança? Um estudo sobre a dança no ensino regular*", e assino este documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em posse da escola.

São Leopoldo, _____ de _____ de 2017

Anette Morelle - Diretora da Escola

Aléxia Chaves - Pesquisadora